

REFORMA DO ESTADO

FH reconhece que BB e Caixa quebraram

Presidente afirma que as duas instituições só não vão à falência porque pertencem ao governo, mas ressalva que desorganização é responsabilidade do governo passado

TÂNIA MONTEIRO

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu ontem que o Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal estão quebrados. “Só não vão à falência porque são do governo”, justificou o presidente, acrescentando que “este governo teve de botar dinheiro lá, teve de reorganizar (os bancos)”.

A desorganização das instituições financeiras, segundo Fernando Henrique, “ocorreram no governo passado” e, depois, “nós começamos a colocar de pé essas instituições”. “Ainda assim, as instituições não têm capilaridade para chegar até quem necessita”, reconheceu, ao atribuir a culpa à estrutura do Estado.

Mais tarde, o porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral, afirmou que o presidente, ao falar de governo passado, não se referiu ao ex-presidente Fernando Collor e, sim, falou que o problema “vem de décadas”. Da mesma forma, lembrou que a reorganização do BB e CEF vem desde o governo Itamar Franco.

Queixa — O desabafo de Fernando Henrique foi feito após ouvir a queixa do presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag), Francisco Urbano, com o apoio do presidente da Cen-

tral Única dos Trabalhadores (CUT), Vicente Paulo da Silva, de que os esforços do governo não chegam aos interessados.

“A estrutura do Banco do Brasil não está preparada para atender a milhares de pessoas”, lamentou o presidente. “Estava preparada para atender a poucos poderosos que, no passado, nem pagavam depois”, disse, acrescentando que o mesmo se refere à CEF.

As afirmações de Fernando Henrique foram feitas durante a audiência em que recebeu os representantes do movimento Grito da Terra. O presidente falou das dificuldades do governo para atender milhares de pessoas por meio do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar (Pronaf). Segundo ele, as dificuldades existem porque o Estado brasileiro não foi feito para atender à maioria e isso não tem a ver só com burocracia. “É um conjunto de circunstâncias que dificultam muito”, justificou, acentuando que essa situação não foi criada por ele, mas herdada.

Para o presidente, o governo está avançando na reforma agrária e

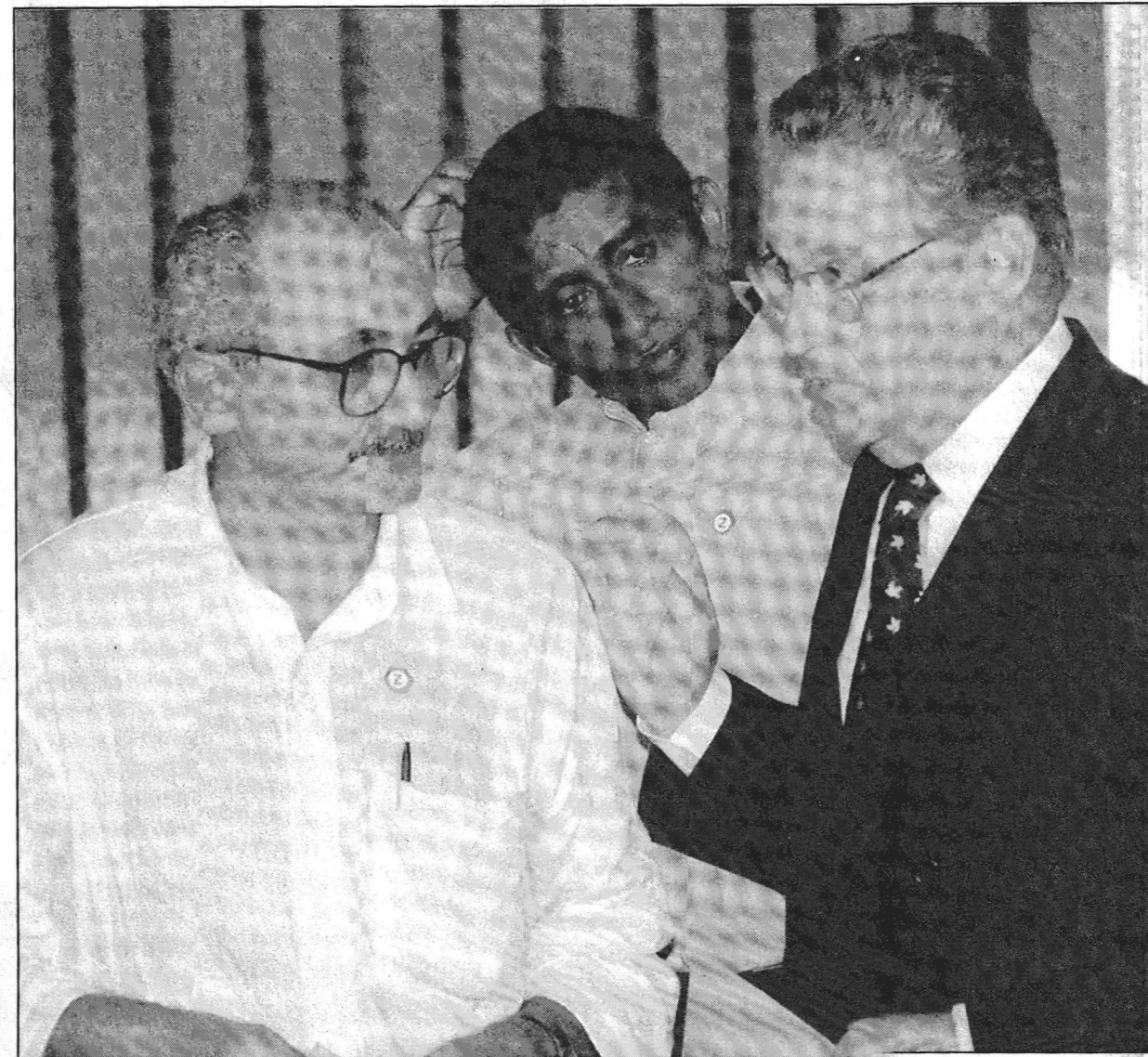
cumprindo as promessas de campanha. Sobre os massacres e os pedidos de justiça que têm recebido, alegou nada poder fazer, do ponto de vista legal, só moral. Lembrou que mandou o ministro da Justiça, Nelson Jobim, percorrer os Estados e ouviu um relato preocupante. Segundo dados colhidos pelo ministro, disse o presidente, se tudo correr dentro dos trâmites normais o massacre de Eldorado de Carajás, no Pará, ocorrido há um ano, só será levado a julgamento no ano 2000.

O presidente elogiou a tentativa do ex-presidente Fernando Collor de aumentar a taxa de latifúndios. Fernando Henrique lembrou que Collor foi derrotado porque não houve convergência de interesse entre a sociedade e o governo. Agora, comentou, conseguiu-se aprovar o ITR que representará “a sentença de morte do latifúndio num certo prazo, porque a terra caiu de preço por causa do real”.

O presidente Fernando Henrique encerrou o discurso reconhecendo que “as coisas são difíceis, nem tudo está bom, há muito o que criticar”. Para ele é preciso, entretanto, ter coragem de dizer que as coisas estão avançando.

■ **Mais sobre sem-terra na página A25. A íntegra do discurso do presidente está na página C8 do caderno de Cidades**

PROBLEMA É
HERDADO E
VEM DE
DÉCADAS



O presidente com os sindicalistas Francisco Urbano e Vicentinho: discussão sobre questão da terra

José Paulo Lacerda/AE